portamento dos preços do feijão preto no varejo da cidade do Rio de Janeiro nos últimos três anos, corrigidos para o último mês de fevereiro. Pode-se ver a influência dos estoques governamentais na baixa relativa dos preços do grão. De fato, estão em queda sistemática desde meados de 1981. Mesmo assim, ainda não há indícios de recuperação acentuada do consumo, que declinou lentamente por vários anos, em razão das crises de abastecimento tão freqüentes. O salto dos preços de dezembro de 1980 para janeiro de 1981 não reflete necessariamente a realidade do mercado, uma vez que em 1980, quando houve uma forte escassez do produto, os preços eram tabelados.

A propósito, como deverá ficar o mercado do feijão, em 1983, após mais uma colheita frustrada? Aparentemente, pelo que se pode prever diante das informações disponíveis no momento, não haverá uma crise como as de anos recentes. Supondo-se que o consumo total do produto ao longo do ano seja o mesmo estimado para 1982 (há cálculos apontando para um número menor) isto é, cerca de 2,5 milhões de t, a safra da seca, atualmente em fase de colheita, mais os estoques do governo, deverão ser suficientes para o atendimento da demanda. Realmente, espera-se que a segunda safra proporcione uma oferta de quase 1,4 milhão de t, à qual se somariam as cerca de 400 mil t do estoque governamental. Ter-se-iam, então, aproximadamente 1,8 milhão de t para complementar a safra das águas e uma oferta total (safra das águas + safra da seca + estoque) pouco inferior a 2,750 milhões de t.

Prevalecendo este raciocínio otimista, de que a segunda safra conseguirá registrar o que dela se espera, não haverá maiores problemas. No entanto, quase a metade da produção desta safra origina-se do Nordeste, não se podendo avaliar os reflexos do clima sobre as lavouras. Na Bahia, por exemplo, na região de Irecê, já se desistiu da avaliação inicial, de que os 148 mil ha plantados gerariam 133 mil t de feijão. Embora ainda não se disponha de números definitivos, calcula-se que a produtividade média anteriormente aguardada de 840 kg/ha, poderá situar-se abaixo dos 500 kg/ha, resultando numa oferta semelhante à da fracassada safra 1981/82.

Verificando-se nova frustração, até um certo ponto, o estoque governamental poderá regular o mercado, se bem que a rápida reação dos preços à divulgação de uma quebra será inevitável. De qualquer forma, os atuais preços mínimos para a safra da seca são favoráveis à estabilização do mercado num patamar mais elevado (para o tipo 1, o preço mínimo, no Centro-Sul, é de Cr$ 9.391,80/60 kg; para o tipo 2, Cr$ 9.213,00; para o tipo 3, Cr$ 8.944,80; tipo 4, Cr$ 8.050,20 e tipo 5, Cr$ ..... 7.603,20), levando ao aumento dos estoques em mãos do governo federal. Esta situação já se vinha delineando há algum tempo, pois a obtenção de safras volumosas não conseguiu recuperar o nível do consumo, levando à formação de estoques elevados e ao conseqüente esfriamento do mercado, que determinou a redução do plantio da safra 1982/83. Aliás, esse comportamento de grande parte da população está a merecer maiores atenções, tendo em vista que, de um momento para o outro não se muda um hábito de consumo. Esse aspecto assume grande importância, quando se leva em conta que o feijão era um dos poucos alimentos com bom teor proteínico disponível para uma população marcadamente subalimentada.

MILHO

O preço mínimo deverá ser o principal referencial do mercado

No final de fevereiro, a CFP informava que a safra brasileira de milho 1981/82 foi de 22,932 milhões de t, obtidas a partir de uma área colhida da ordem de 13,382 milhões de ha. O rendimento médio verificado atingiu, portanto, apenas 1.714 kg/ha, registrando-se mais uma vez, grande defasagem entre a produtividade do Centro-Sul (2.120 kg/ha) e a do Norte-Nordeste (450 kg/ha). De fato, a porção setentrional do país foi, novamente, responsável por somente 6% da produção total do grão, conquanto tenha plantado 24% da área de cultivo do cereal.

Conforme atestam os dados do Quadro 1, o abastecimento interno do grão esteve bastante folgado durante o ano de 1982, graças não só a uma safra recorde, como, também, ao fato de que a demanda se apresentou muito retraída. Isto porque a crise da suinocultura e a lenta expansão da avicultura, em 1982, acarretaram um consumo de rações inferior em mais de 10% ao de 1981. Assim, considerando-se que, usualmente, 85% do milho consumido internamente são destinados à engorda de animais, e que 80% do consumo total de rações provém das criações de aves e suínos, compreende-se como foi possível ao governo federal formar estoques elevados que, em agosto, chegaram a totalizar perto de 2,4 milhões de t.

De posse deste grande volume do grão, as autoridades governamentais puderam proceder à exportação de 508,53 mil t do produto, que geraram uma receita de US$ 50,3 milhões. Ou seja, o preço médio obtido foi de apenas US$ 99,00/t, inferior, portanto, aos US$ 110,50/t obtidos pelos EUA com a exportação do milho nº 2 Yellow. Isto porque os produtores obtiveram um superávit de milho num ano de ampla oferta mundial do produto (ver **Agroanalysis**, vol. 6, nº 12).

Assim como ocorreu no mercado externo, os preços do milho, internamente, mantiveram-se muito deprimidos durante todo o ano de 1982. Durante o segundo semestre, por exemplo, embora se tratasse da época de entressafra no Centro-Sul do país, o preço médio real pago ao produtor paranaense foi quase 10% inferior ao dos seis primeiros meses do ano. Além disso, a média nominal, para o ano, naquele estado, foi 3,4% inferior ao preço mínimo de Cr$ . . . . 1.028,40/60 kg praticado na safra 1981/82.

Tal panorama, aliado ao processo de descapitalização do produtor e ao contexto recessivo da economia, não tardou em afetar a intenção de plantio da nova safra, pois, para o lavrador de milho, não se descortinavam perspectivas de uma boa comercialização futura, que justificassem o aumento da extensão cultivada com o cereal. Concomitantemente, para esta decisão contribuíram os elevados preços atingidos pelos diversos insumos necessários ao plantio, principalmente as sementes certificadas.

QUADRO 1

BRASIL: Balanço de Oferta e Demanda de Milho – Safras 1976/77 a 1982/83 – 1.000 t

Ano-Safra	Estoque Inicial		Produção	Suprimento	Consumo	Excedente	Exportação	Importação	Estoque Final
	Data	Quantidade							
1976/77	01/04/77	600,0	19.250,0	19.850,0	17.250,0	2.600,0	1.699,0	–	901,0
1977/78	01/03/78	901,0	14.160,0	15.061,0	16.560,0	(1.499,0)	–	1.500,0	1,0
1978/79	01/03/79	1,0	16.457,0	16.458,0	17.700,0	(1.242,0)	–	1.520,0	278,0
1979/80	01/03/80	278,0	20.212,0	20.490,0	21.250,0	(760,0)	–	2.011,0	1.251,0
1980/81	31/04/81	1.251,0	22.554,5	23.805,5	22.396,0	(1.409,5)	–	–	1.409,5
1981/82	01/01/82	1.409,5	22.932,0	24.341,5	22.275,0	2.066,5	509,0	–	1.557,5
1982/83*	31/12/82	1.557,0	23.400,0	24.957,0	22.720,0	2.237,0	1.100,0	–	1.137,0

* estimativa de abril de 1983.
FONTE: CFP.

Desta forma, em dezembro de 1982, estimava-se que o Centro-Sul houvesse semeado 9,7 milhões de hectares com o milho, área 4,3% inferior à da safra 1981/82. Por outro lado, esperava-se, àquela época, que as boas condições climáticas verificadas durante o desenvolvimento da planta pudessem ocasionar um ganho de 12% no rendimento da cultura, fazendo com que a colheita meridional do grão alcançasse pouco mais de 23 milhões de t. Este resultado "empurraria" a produção brasileira para o novo recorde de 24,4 milhões de t, uma vez que se considerava que o Norte-Nordeste repetiria a performance registrada na safra passada.

No entanto, a avaliação de safra divulgada pela CFP em fevereiro reviu a área plantada para menos, e os primeiros resultados obtidos nos principais estados produtores de milho do Centro-Sul parecem colocar algumas dúvidas quanto à obtenção, este ano, de uma safra de milho superior à do ano passado.

Com efeito, de acordo com os dados do Quadro 2, mais uma vez o Paraná deverá posicionar-se como o estado maior produtor de milho, muito embora seu plantio tenha sido prejudicado pelas más condições climáticas ocorridas no segundo semestre do ano passado. Os preços dos insumos alcançaram níveis elevados, tendo o preço da semente certificada, por exemplo, naquele estado, atingido cerca de Cr$ 8.500,00/40 kg, no início de novembro, mês em que o preço médio do milho recebido pelo produtor paranaense foi de Cr$ 1.310,00/kg. A conseqüente menor utilização de sementes melhoradas e de outros insumos de modo geral deverá, assim, comprometer o rendimento inicialmente esperado em até 2.600 kg/ha, sendo mais provável que este não ultrapasse os 2.500 kg/ha.

O estado de Santa Catarina, por sua vez, aposta num aumento considerável da produção do cereal, uma vez que, embora a área cultivada tenha-se mantido praticamente a mesma do ano passado, o rendimento deve aumentar em quase 10%. De fato, a produtividade deste estado vem-se destacando, em função das boas condições climáticas ali observadas de setembro a novembro, o que não ocorreu na safra anterior, quando se verificaram problemas de estiagem nas áreas produtoras. Não resta a menor dúvida de que o excelente resultado financeiro apresentado pela suinocultura, durante o ano de 1982, atuou decisivamente para a manutenção da área plantada com o cereal no solo catarinense, visto tratar-se de produto largamente utilizado na alimentação destes animais.

Os piores desempenhos deverão ficar por conta de Minas Gerais e de São Paulo, embora por razões diferentes. Enquanto os paulistas semearam uma área menor do que a da temporada 1981/82, e esperam um rendimento semelhante, os mineiros deverão ressentir-se da associação de retração da área plantada a uma forte queda na produtividade física da cultura. Assim, estes dois estados, que, na safra passada, conjuntamente produziram 6,9 milhões de t de milho, em 1983 não deverão colher mais do que 5,7 milhões de t do produto, ou 17% a menos.

A retração da área em Minas Gerais (cuja safra é ligeiramente atrasada em relação às dos outros estados já citados) também foi devida à má comercialização do produto da última safra, o que gerou, nos produtores, uma expectativa pessimista quanto aos preços a serem alcançados ao longo deste ano. Desta forma, mesmo aqueles agricultores que se propuseram a semear a terra mais tardiamente, em função da ligeira recuperação apresentada pelas cotações do milho, vieram a reverter esta sua decisão devido às más condições climáticas então observadas. É provável, por conseguinte, que os preços praticados para o produto novo, no presente ano, venham a se aquecer, pois há indicações de que, caso ocorra um superávit naquele estado, este deverá ser pequeno, visto ser de aproximadamente 2,2 milhões t/ano o consumo do produto em Minas Gerais.

Também em São Paulo, os agricultores ressentiram-se agudamente dos altos preços atingidos pelos insumos necessários ao plantio, relativamente aos preços obtidos na venda do grão. A título de ilustração, em 1981*, o produtor paulista de milho

* Embora não se disponha de dados para 1982, presume-se que a situação tenha sido semelhante ou ainda pior. (Fonte: IEA/SP).

teve que fornecer 22,2 t de seu produto pela obtenção de 10 t de fertilizantes, enquanto que, entre 1980 e 1981**, esta relação foi, em média, de 18:10. Já no que diz respeito aos defensivos, a média dos seus preços reais, para os cinco primeiros meses de 1982, foi praticamente igual à média anual de 1981. O que seria alvissareiro, não fosse o fato de o preço médio real do milho recebido pelo agricultor paulista, de janeiro a maio de 1982, ter-se revelado 27,1% inferior à média da mesma época de 1981. Este exemplo nada mais é do que uma amostra do quadro global do país, pois existem indicações de que, em 1982, o consumo de fertilizantes tenha sido 40% inferior ao de 1981.

Da mesma forma, também as sementes melhoradas foram subutilizadas pelo produtor paulista de milho à época do plantio da safra 1982/83, uma vez que seu preço de Cr$ . . . . . 8.450,00/40 kg (milho híbrido simples) tornou sua aquisição proibitiva para a maioria dos agricultores. Dado extremamente preocupante, pois, já no plantio da safra 1981/82, a taxa de utilização da semente melhorada de milho, em São Paulo, foi de apenas 50,3%, nível muito baixo, se considerarmos que, para as culturas de algodão e de trigo, atingiu, respectivamente, 100% e 90%.

** Desconsideraram-se os anos de 1975 e 1976, quando vigorou um subsídio de 40% aos preços médios dos fertilizantes.

QUADRO 2

MILHO: Estimativas de Área Plantada, Produção e Produtividade nos Principais Estados Produtores — Safras 1981/82 e 1982/83

Estado	Safra	Área (1.000 ha)	Produção (1.000 t)	Produtividade (kg/ha)
Paraná	1981/82	2.277	5.430	2.385
	1982/83	2.270	5.675	2.500
Santa Catarina	1981/82	1.109	2.626	2.371
	1982/83	1.100	2.860	2.600
Rio Grande do Sul	1981/82	1.852	3.147	1.700
	1982/83	1.816	3.874	2.133
Minas Gerais	1981/82	1.765	3.555	2.014
	1982/83	1.450	2.538	1.750
São Paulo	1981/82	1.331	3.327	2.500
	1982/83	1.260	3.150	2.500

FONTES: CFP (Minas Gerais), Seag/Deral (Paraná), CEPA (Santa Catarina, Rio Grande do Sul) e IEA (São Paulo).

Finalmente, o Rio Grande do Sul, apesar de ter plantado uma área 2% inferior à da safra precedente, por ter contado com condições climáticas favoráveis durante o desenvolvimento da planta, espera obter uma produção superior à da temporada 1981/82, posicionando-se como o segundo maior estado produtor deste cereal.

Tradicionalmente, a produção dos estados da região Sul, adicionada às produções paulista e mineira, responde por cerca de 80% da produção brasileira de milho. Apoiada no fato de que, de acordo com os dados acima, as produções específicas destes cinco estados deverão somar as mesmas 18,1 milhões de t verificadas em 1982, em abril, a CFP reavaliou a safra meridional do produto para cerca de 22 milhões de t. Estimou, também, que o total da colheita de milho do país na temporada 1982/83 poderá apresentar ganho de apenas 490 mil t em relação à precedente, tendo em vista a obtenção de não mais do que 1,25 milhão de t na produção setentrional (15% a menos do que a colheita de 1982).

À exceção de Minas Gerais, os outros estados produtores de milho no Centro-Sul iniciaram a colheita em março e, até então, a CFP continuou abastecendo o mercado, leiloando seus estoques do produto nas Bolsas de Cereais. Outrossim, extra-oficialmente, divulgou-se que o governo dispunha de cerca de 400 mil t em estoque, na época da entrada da safra 1982/83, o que faz crer que, embora não divulgado, seu nível de estocagem, no ano passado, deve ter atingido um volume considerável.

Durante a temporada 1982/83, embora seja bastante provável que as aquisições por parte do governo venham a ser, novamente, consideráveis, não deverão alcançar os níveis do ano passado. Isto porque, embora a demanda global ainda deva continuar retraída, o excedente de milho disponível no mercado certamente será menor, tendo em vista uma safra que será apenas semelhante à anterior, o aumento de 2% esperado no consumo interno e o crescimento nas exportações. Por sua vez, o quadro econômico geral não deixa margem a expectativas de que a comercialização do produto novo venha a dar-se a preços muito acima do preço mínimo de garantia. Este, estabelecido em Cr$ . . . . 1.974,00/60 kg, vem sendo apontado como a cotação mais provável a ser atingida pelo cereal a ser colhido, expectativa robustecida pelo fato de que o preço médio praticado na Bolsa de Cereais de São Paulo no leilão de 10/02/83 (fim de entressafra, portanto) foi de Cr$ 1.860,00/60 kg.

Cumpre esclarecer, porém, que o aumento de 2% previsto pela CFP no nível do consumo interno do milho, ao longo da temporada 1982/83 deve-se, unicamente, à expectativa de maior utilização do cereal em substituição ao trigo, cujo subsídio deverá continuar a ser retirado durante o ano. Ou seja, no nível da performance das indústrias de rações, não se espera um aquecimento passível de levar a um incremento da utilização do milho, basicamente devido às primeiras previsões indicarem que o setor avícola de corte no país (responsável pela absorção de cerca de 40% da produção brasileira de rações) poderá crescer menos de 4% ao longo de 1983. É fácil antever, portanto, que a previsão do Sindicato de Indústrias de Rações Balanceadas (ainda a ser divulgada) relativa a seu crescimento no presente ano, não será constituída de grandes cifras.

De qualquer forma, não deixa de ser preocupante a perspectiva de que o estoque inicial da temporada 1983/84 venha a ser inferior a 1,6 milhão de t, volume registrado na temporada atual. Isto porque as conseqüências da provável lenta comercialização do produto na atual safra, associadas às novas regras de crédito rural para o plantio da próxima estação, poderão num futuro próximo, levar o país a defrontar-se com problemas de abastecimento do cereal. Afinal de contas, prosseguem a retirada do subsídio ao trigo e o acordo de fornecimento anual de um mínimo de 500 mil t de milho à URSS, compromissos que ainda podem ser influenciados por novas perspectivas de venda do produto ao exterior, tendo em vista a recente recuperação das cotações no mercado norte-americano* ou seja, pre-

* A adesão de grande número de agricultores norte-americanos ao programa de redução da área plantada com grãos (PIK) levou o USDA a estimar, preliminarmente, que a safra do milho naquele país seja, este ano, inferior em 30% à precedente.

mido pela necessidade de agilizar a captação de moedas fortes, é possível que o governo queira utilizar-se também deste cereal para a concretização da meta de 6 bilhões de dólares de superávit comercial este ano. Recomendável seria, portanto, que estas vendas fossem precedidas de uma avaliação cautelosa do balanço doméstico de oferta/demanda, de forma a se evitarem futuros apertos no abastecimento de milho, no país.

SOJA

Exportações do complexo deverão obter um bom resultado, em 1983

De agosto de 1982, quando as primeiras intenções de plantio apontavam para um encolhimento na área, a março de 1983, com a colheita em andamento nas várias regiões produtoras, a safra brasileira de soja evoluiu de forma bastante inusitada, fazendo com que a produção recorde de 15,16 milhões de t, alcançada em 1979/80, por pouco não fosse superada. Ao contrário das expectativas iniciais, a quantidade a ser produzida beira as 15 milhões de t, 17% superior à de 1981/82, resultado que se deve a uma oportuna combinação de crescimento de área e recuperação da produtividade.

No Sul do país, a redução da área não chegou a ocorrer na amplitude estimada. A ausência de opções mais rentáveis para o produtor, duplamente afetado pelas quebras de safra da soja e do trigo em 1982, terminou por manter praticamente inalterada a área já ocupada com a oleaginosa. Dessa forma, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná não teriam perdido aproximadamente 100 mil ha ou 1,6% do total de 6,175 milhões de hectares, plantados em 1981/82.

Por outro lado, no Centro-Oeste, a área cresceu de modo bem mais acentuado do que se previa à época do plantio, quando se estimava que alcançaria cerca de 1,5 milhão de ha. Na realidade, a área ocupada com a leguminosa na região alcançou 1,65 milhão de ha, superando em 21% os 1,362 milhão cultivados na última temporada.

No cômputo geral, a área de cultivo no Brasil expandiu-se algo em torno de 200 mil ha, retornando, assim, ao patamar de 8,5 milhões de ha plantados na safra 1980/81.

A produtividade média esperada para essa safra, por sua vez, se equipara aos 1.765 kg/ha obtidos em 1980/81, dado que é até certo ponto surpreendente, uma vez que na época da formação das lavouras, muito se falava na menor utilização de insumos, em função das dificuldades de obtenção de crédito junto à rede bancária e da "liberalização" da aplicação dos recursos de custeio, através da Circular 706 do Banco Central. As produtividades médias das culturas, em conseqüência, deveriam declinar, ainda que o clima fosse favorável. Tal não ocorreu, o que faz supor que a parcimônia de recursos pode, às vezes, ser sinônimo de racionalização no seu uso. Essa racionalização, associada a um desempenho climático favorável, pode gerar bons resultados em termos de produção agrícola.

A obtenção de uma boa safra, no entanto, não resolve todos os problemas dos sojicultores, que estão, agora, com os olhos voltados para Chicago, pois é o intrincado jogo de forças do mercado externo que define, em última instância, os níveis de seus ganhos. Do mercado internacional começam a vir sinais positivos. A recente queda dos preços do petróleo e o início da recuperação da economia dos EUA vêm estabelecendo algumas bases para o fortalecimento dos preços das *commodities*, dentre elas a soja e seus derivados. A esse quadro, vieram se juntar os dados da participação dos agricultores norte-americanos nos programas oficiais de redução da área agrícola, na safra 1983/84. Esses programas, entre os quais, o tradicional *Reduced Acreage Program* e o inovador *Payment in Kind*, deverão fazer com que deixem de ser plantados 33 milhões de ha de cereais (trigo, milho, arroz. . .) e de algodão.

Mesmo sem participar desses programas, a soja deverá sofrer alguns de seus efeitos. De início, pode-se esperar uma retração no plantio da oleaginosa, uma vez que a diminuição que se vem observando na relação de preços soja/milho possivelmente levará ao aumento do plantio do cereal em áreas não comprometidas com aqueles programas. Em adição, a soja, normal-